

# O CASO LANDRU<sup>1</sup> – SÚMULA

Por  
Antonia Claudete A. L. Prado

## Introdução

O Caso veio a público em 1919, logo após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Causou grande impacto por ser um tipo de crime nunca visto até então.

Landru: casado, quatro filhos, foi amante de uma cantora lírica. Aparentemente normal em tudo, torna-se um assassino conhecido mundialmente até hoje. Em quatro anos matou dez mulheres e um rapaz. Foi o primeiro matador em série da história policial francesa.

A questão da Loucura não foi objeto de pesquisa, apesar de chocar, por ser o assunto da época, a própria loucura, desde a prisão até a execução dele. Os relatórios policiais processuais tratavam dessa loucura, escritores também, mas não se pesquisou propriamente a loucura. Alguns pontos permaneceram não esclarecidos por não apresentarem uma lógica (p.19).

De inventor, passa a trapaceiro, e depois a assassino. Seus inventos não lhe deram êxito financeiro, embora tivessem valor, supunha-se que ele matava por dinheiro, mas se era isso, por que ele não escolhia mulheres mais ricas? – ele não tinha dinheiro. Finalidade não justificada, o caso mostra uma loucura.

Estuda-se, nesta obra, a relação entre a loucura e a aparente normalidade; e se a noção de excesso basta para explicar a loucura. Ela defende a tese de que a loucura pode tomar a aparência de uma normalidade, pode aparecer de forma bem real, o que se apresenta no mito do *Médico e o Monstro*.

Há uma duplicidade, ressalta ela, do normal-louco, inacreditável, mas que denota algo de verdadeiro - esse 'inacreditável' é o *real* - consistente, o buraco no senso comum, o sem-sentido, o real que não é realidade.

## CAPÍTULO I HENRI-DÉSIRÉ LANDRU

Henri-Désiré Landru, preso aos cinquenta anos de idade, pelo assassinato de dez mulheres e um rapaz. Para fazer desaparecerem os corpos, ele os queimava no fogão da cozinha de sua casa de campo.

O caso despertou grande comoção em todas as camadas sociais, especialmente pelo mistério que o envolvia: um homem normal, de família e bem formado (arquiteto; especialista em mecânica) e, ao mesmo tempo, um assassino cruel para cujas mortes não se encontram explicações — *É um matador sádico, é um louco?* (p. 36).

---

<sup>1</sup> Trabalho elaborado para coordenação do seminário dos alunos do Curso de Formação em Psicanálise da CLIPP, sobre o livro de FRANCESCA BIAGI-CHAI, *O Caso Landru à luz da psicanálise*. Éditions Imago, Paris, 2007.

Sua esposa e filhos também se chocam e se surpreendem com ele, não é o homem que eles conheciam.

Em depoimento a esposa diz que, assim que o conheceu, ficou impressionada com sua aparência: bem vestido, discreto, de boa família, não bebia, não fumava. Casaram-se e, nos primeiros tempos da vida em comum, foram muito felizes: ele era doce, delicado e amável, jamais alterava a voz.

Frente à dificuldade de manter sua família, ele vai se modificando aos poucos: fica pensativo, inventa máquinas, não dorme.

Inventou uma bicicleta a motor, que acabou se consagrando na história das motocicletas, na França. *Você verá, seremos ricos* dizia sempre à esposa. Inventava sempre novas máquinas, que fracassavam. Justificava esses fracassos como *maldade dos outros*, ‘que se aproveitavam dele’. O tempo passa, um dia a polícia o procura. A partir daí ele muda radicalmente. *Um inferno começa* — mudanças freqüentes, ele não é mais doce com ela, não se cuida mais, desaparece por três ou quatro dias, aparece por quinze minutos e desaparece novamente.

Permaneceu impassível durante as quatro semanas do julgamento que o conduziu à guilhotina. Quando o juiz profere a sentença, nada se altera em seu rosto, não protesta, não manifesta qualquer gesto, nenhuma palavra, como se não tivesse dado conta *da realidade de sua morte*.<sup>2</sup>

Dia 25 de fevereiro de 1922, seis horas da manhã: entra na cela de Landru o Procurador da República, que lhe diz: *Coragem, Landru, seu pedido de misericórdia foi rejeitado* [ele mesmo não pediu jamais por misericórdia, deixou que se fizesse], *tens alguma revelação a fazer?* Responde Landru: *semelhante questão já me foi colocada inúmeras vezes*. [e, com a calma de sempre, prossegue]. *Mas, com quem tenho a honra de falar?* – *Com o Representante Geral da República*, responde M. Béguin.

*Neste caso, me admira que em uma hora como essa me faça ainda essa pergunta. Coragem? Eu já não tenho mostrado que eu tenho? Senhores! estou à vossa disposição. Queriam me passar as minhas roupas!* (p. 40).

Ele agradece, de forma polida e formal, seu advogado, dizendo ter-lhe *confiado uma causa muito difícil*. E, calmamente, se volta para o jovem assistente do advogado: *Eu gostaria que mais tarde, em vossos momentos ociosos, você pudesse se ocupar de meus pequenos interesses*. (p. 40)

Trata-se de um homem que passa rapidamente de uma vida simples e normal para a desonestidade e depois para a prática de crimes hediondos. Várias questões ficam enigmáticas:

1. Ele tinha capacidade e boa formação para ganhar a vida honestamente. Por que deriva para a ilegalidade?
2. Por que toda essa turbulência que viveu parece não incomodá-lo, fazê-lo sofrer?
3. O início de seus crimes coincidiu com o início da Primeira Guerra Mundial. Teria ela exercido alguma influência sobre ele?
4. A que se devem tais transformações — *da busca frenética por trabalho à bandidagem, e desta ao assassinato?* (p.41).

---

<sup>2</sup> Ibidem, p.40.

## Uma vida Comum

Landru nasceu em Paris, em 12 de abril de 1869, filho de uma família modesta. Seu pai era motorista de uma empresa e sua mãe costureira.

Seus pais tiveram uma primeira filha, Florentine, depois de cinco anos nasce Henri-Desiré. Seu nome (Desiré: desejado) sugere que tenha sido muito desejado. Quando ele nasceu sua mãe estava sofrendo de depressão profunda por ter perdido um filho, que morreu ao nascer, antes dele. Depois o casal teve mais dois filhos.

Seus pais eram respeitados, admirados e elogiados por todos aqueles que os conheciam. Queriam dar a melhor educação aos filhos. Os vizinhos comentavam que Henri-Desiré era bastante mimado. Os estudos que empreendia não eram habituais em seu meio social.

Landru teve a sorte de ter iniciado seus estudos em um momento em que estava sendo implantada na França a grande reforma educacional, por Jules Ferry – intelectual francês que acreditava que o futuro da humanidade estava na educação. Ele lutou decididamente em prol desse ideal, considerando que a instrução tornaria os homens melhores, voltados ao desenvolvimento pessoal, o bem e a felicidade de todos.

Biagi-Chai lembra aqui a tese já elaborada por Freud, que o conhecimento não é capaz de cobrir todo o sujeito, algo dele sempre irá permanecer opaco – desconhecido por ele. Nessa opacidade é que se constitui o enigma de Landru.<sup>3</sup>

Ele foi um bom exemplo de cidadão a quem Jules Ferry creditaria todas as virtudes previstas em seu projeto – Landru reunia todos os ingredientes ideais para livrá-lo do mundo do crime: boa educação, formação moral e recursos materiais. Estudou em um colégio de padres, foi um aluno precoce, era tido como um ‘bom camarada’ pelos seus colegas. Sua carreira brilhante o conduz à Escola de Artes e Ofício.

Acredita-se que a convivência com os padres o levou a se interessar pela religião. Na adolescência ele se torna subdiácono na Igreja de São Luiz da Ilha, o que lhe agradava muito, especialmente por usar os trajes eclesiásticos e aparecer em todas as solenidades da Igreja. Nesse tempo ele trabalha como vendedor de um escritório de arquitetura, o que lhe permite fazer vários cursos até os 21 anos, quando ingressa no serviço militar.

Nesse período em que ele trabalha como vendedor algo se destaca: ele tem muito orgulho disso, mas não se aperfeiçoa, nem fica muito tempo em um lugar – em um período de três anos mudou três vezes de escritório por decisão própria, porque todos os empregadores o consideravam capaz e o tinham em alta conta.

Essa experiência de trabalho lhe proporcionava o acesso a um meio social mais alto, diferenciando-se dos seus antigos colegas, que já não o reconhecem mais como o ‘bom camarada’ de antes. Tornou-se orgulhoso e indiferente a eles, e quando lhes dirige a palavra é para dizer em alto e bom tom que trabalha com um arquiteto.

A megalomania é algo que ele apresenta desde muito cedo, e que marca um *equilíbrio frágil* (p.43) na posição do sujeito, pois seus atos não correspondem às suas aspirações.

Nesse momento em que ele está às voltas com as *tentativas de trabalho e a pseudo-religião* (p.43), ele conhece Marie-Catherine Rémy, sua vizinha, que ele desposará mais tarde. Ela

---

<sup>3</sup> O esquema óptico desenvolvido por Lacan no *Estádio do Espelho* (Escritos) ilustra essa opacidade com a utilização do experimento de Bouasse que mostra a impossibilidade do sujeito apreender uma imagem nítida de si, por mais que busque a melhor posição, ele nunca conseguirá visualizar a sua imagem de forma totalmente clara. (Nota da Redatora).

mora com a mãe e trabalha como lavadeira. Durante o namoro Landru vai para o serviço militar, onde progride de soldado para sargento, e sai depois de três anos com um certificado de boa conduta, tendo sido dispensado em razão de sua saúde frágil.

Entrementes, Marie-Catherine dá à luz uma menina, Henriette. Landru, então com 24 anos, casa-se com ela e legitima a criança. Depois nascem mais três filhos: Maurice, Suzanne e Charles.

A família vive uma vida de harmonia e de tranqüilidade, como foi a dos seus pais, vida que vai se desestruturar com a mudança de Landru, que inicialmente se mostra desesperado para obter êxito em atividades medíocres e inconsistentes até se envolver em atividades ilícitas.

A situação atual de Landru, como pai de família, acentua ainda mais a distância entre o sonho e a realidade. As saídas que encontra agravam sempre mais a sua situação, segundo dizem sua esposa e seu filho.

## **A Desagregação**

Tão logo Landru se depara com as exigências do seu papel de pai de família, inicia-se uma fase de perambulação de casas e de trabalhos, levando sempre a família junto. No período de 1893 a 1900 exerceu mais de dez atividades diferentes sem se fixar em nenhuma. Essa perambulação é o que Pierre Darmon nomeia de *delírio ambulatório* (Que impele a andar. Dicionário Aurélio).

Os inúmeros empregos geram uma coleção de certificados elogiosos, que ele utiliza para ostentar uma respeitável posição social, mas isso, evidentemente, não se sustenta. Por outro lado, a sua vida familiar vai se complicando. Ele perde o vigor e vai sendo tomado por uma intensa agitação e um mal-estar que desestrutura a ele e à sua família.

Ele mantém ainda um discurso ético e moral perante sua esposa e seus filhos, reafirmando-lhes sempre a importância da boa educação e do trabalho. Esse discurso, porém, contradiz com sua incapacidade de cumprir com as suas responsabilidades familiares. São palavras inconseqüentes vindas de um pai que não assume efetivamente essa função, (...) *à irresponsabilidade fantasmática responde a irresponsabilidade efetiva* (p. 45), e aqui desaparece o limite que havia entre o trabalho e a desonestidade.

## **Em lugar da vida comum: a escroqueria**

O perfil profissional de Landru é prejudicado pelas suas mudanças constantes e pela falta de um trabalho específico, razão pela qual suas referências vão se diminuindo e se tornando vagas. Ele, então, passa a produzir referências falsas e enaltecidas. Isso marca o fim da sua vida comum, normal. Nesse começo de século, o cenário econômico e industrial estava em franco desenvolvimento. Estava ele com trinta anos, e vivia entusiasmado com as novas tecnologias que motivaram seu interesse pela mecânica e pela criação de máquinas, tais como a bicicleta motorizada. Isso ocorria ao mesmo tempo em que começavam a se desagregar as suas ligações sociais, e a sua família tinha aumentado para seis pessoas – acabara de nascer Charles, o quarto filho. Suas invenções despertavam interesse por serem novidades, mas ele não conseguia vendê-las. Daí ele parte para a vida de trapaceiro. Inicia lançando uma grande campanha publicitária de bicicletas cujas encomendas deveriam vir com o pagamento

antecipado de um terço dos respectivos valores. Após ter recebido uma boa quantidade de pedidos, com a antecipação do dinheiro, ele desaparece sem entregar as bicicletas.

Aproveitando-se do desenvolvimento industrial e bancário, ele se interessa por uma novidade do momento: circulação de dinheiro: empréstimos, títulos e contratos financeiros. Passa a obter dinheiro por meio de transações com falsificação de assinatura, o que lhe rendeu várias estadas na prisão.

O período de 1900 a 1914 Landru passa parte do tempo preso, parte mudando de casa em casa, e outra parte fugindo, o que lhe era facilitado pela guerra que acabava apagando as suas pistas. Ele era inteligente, mas não era astuto, além disso, assim como não tinha habilidade para o trabalho também não tinha para as trapaças, por isso era sempre preso em flagrante. Além disso, suas trapaças são insignificantes, servindo mais para o seu exultamento megalomaniaco do que para a obtenção de um resultado efetivo.

Seu mundo se desorganiza colocando em evidência a existência de duas realidades dissociadas: uma das palavras, das fabulações megalomaniacas; e outra dos atos desencontrados, errantes. São evidências que apontam, não para o diagnóstico de perversão, mas sim para o de psicose, como descreve Kraepelin, sujeitos errantes, migradores<sup>4</sup>, com fabulações mitomaniacas cujas vidas são irregulares e enigmáticas, sem uma identidade social, sem fibra moral.

Landru não mostra a devida esperteza, nas suas trapaças, sempre mal entabuladas, o que o faz também vítima dos próprios atos. Ele tem uma lei própria, a qual estabelece o que é bom ou mal, o que deve, ou não, ser feito. Não considera uma lei geral comum para todos. É como se as pessoas prejudicadas não existissem. As pessoas, em geral, compõem-se de um aglomerado de seres, sem reciprocidade, não consideram um ao outro, não se colocam no lugar do outro – resumem-se em imagens não mediadas pelo grande Outro. Seus feitos são regidos por sua própria lei, desorganizada e pobre em simbolização; seus frutos se devem a ele mesmo, a mais ninguém, a nenhuma outra lei, a qualquer coisa fora dele.

Landru não se submete à lei simbólica, à lei do Nome-do-Pai, que orienta para um ideal e limita o gozo – *uma lei que situa para cada sujeito uma parte dele mesmo além dele mesmo. Mas, Landru teria um além dele?* (p. 48).

Seu universo, entretanto, não é sem leis, nem sem algum ideal. Seu universo é constituído pelo significante ‘família’, significante-mestre, signo do amor e do desejo do outro, sobre o qual *ele constrói sua língua, suas representações, seu desejo, seu gozo e seus fantasmas.* (p. 48-49). A questão que se impõe aqui é: como operaria o significante ‘família’ para esse sujeito?

Sabemos que, na neurose, o inconsciente se manifesta pelo sintoma, enigmático e passível de decifração e significação, enquanto que a psicose é marcada pela certeza que não dá lugar ao sujeito, à divisão subjetiva, à dialética. Essa certeza, entretanto, é aquilo que serve de apoio a esses sujeitos que não se apoiam no Nome-do-Pai, no grande Outro.

Aqui, pergunta Biagi-Chai: *o que é o ideal de família para Landru?* (p. 49).

Parece que a família exerce apenas a função de suporte, assim como o trabalho, não de orientação para um ideal, de inserção no laço social. ‘Família’ e ‘trabalho’ são significantes que lhe dão sustentação, mas não estabelecem o encadeamento de amarração psíquica que ordena o mundo simbólico das relações subjetivas.

---

<sup>4</sup> Diz-se das espécies de animais que mudam periodicamente de região. Dicionário Aurélio.

O termo ‘família’ aponta para ele um ‘dever’ que, entretanto, lhe é muito particular. O ‘dever’ não decorre do compromisso assumido com o Outro, dito de outra forma: não corresponde a uma resposta implicada na sua responsabilidade familiar.

*“Tudo fazer pela sua família” é um princípio que Landru segue ao pé da letra. “Tudo fazer pela sua família” é então um postulado absoluto, e como tal nada o detém (p. 49);*

e é por esse imperativo que ele parte para a vida de escroqueries, cujas condutas não visam desafiar a lei, nem são tidas por ele como imorais posto que tudo o que ele faz é um prol do seu ‘dever familiar’ – isso o afasta de qualquer senso crítico. Biagi-Chai assinala que *essa lei pessoal que organiza o conjunto das condutas do sujeito pode ser qualificada de delirante (p. 50).*

A autora qualifica de delirante também a sua noção de realização, pois tanto faz para ele a efetiva realização profissional. Ser bom engenheiro ou ser um engenheiro medíocre é o que menos conta, o que está em jogo é a sustentação que o significante ‘engenheiro’ representa ao sujeito, absorvendo-o por inteiro e conferindo-lhe um lugar no mundo, junto ao outro social, onde pode se apresentar e ser reconhecido como ‘o engenheiro’, ‘o pai-de-família’. Essas invenções, essas criações, que ele produz para si são objetos aos quais o sujeito se identifica, nos quais ele se reconhece e aos quais atrela o seu ser. Esse recurso inventivo feito pelo sujeito para ele mesmo, que possibilita a sua inserção no laço social, é o que, na psicose, denomina-se **suplência**.

São significantes que cumprem a função de sustentação, de enodamento da estrutura psíquica, em lugar do significante do Nome-do-Pai que lhe falta, mas são inconsistentes em relação à obtenção de resultados favoráveis, servindo particularmente à fabulação megalomaniaca.

No decorrer do processo, Landru declara que não tinha mesmo aptidão para lidar com papéis, mas que era muito hábil na indústria, tendo construído uma bicicleta motorizada considerada como uma maravilha pelo presidente da Câmara do Comércio de Pontoise. E, num momento de lucidez, diz: *Projetos excelentes, mas mal realizados*. Biagi-Chai sublinha que

*espantosamente, em tudo que foi dito sobre Landru, esse aspecto da sua vida tem sido sempre mal conhecido, ignorado. Ele esclarece, contudo, uma faceta não desprezível de sua personalidade (p. 51).*

## **Landru engenheiro**

Landru apresentava-se com vários nomes falsos durante seu percurso de escroque: Diard, Frémyet, Dupont, Cuchet, Morel, Petit, Forest de Barzieux, Guillet... Sempre associados a uma profissão importante – como arquiteto industrial, cônsul... Porém, a sua preferência sempre se manteve na profissão de engenheiro que era a que mais adotava. Ele foi, efetivamente, um engenheiro autodidata, especialmente interessado pela mecânica, daí resultando sua primeira invenção – uma motocicleta à qual ele deu o seu nome verdadeiro: *La Landru*. Posteriormente, ele produz outros modelos.

A invenção da bicicleta motorizada (vale observar que a bicicleta foi uma paixão sua desde a infância) poderia ter-lhe proporcionado um lugar social de reconhecimento, e ter-lhe trazido dinheiro suficiente para o sustento da sua família. Até esse momento da sua história, ele ainda não havia iniciado sua vida de escroqueries; a invenção e a mecânica constituíam os pilares desse sujeito *self-made-man*, alimentando especialmente a sua satisfação megalomaniaca.

Quando chega à idade de trinta anos, Landru projeta seu décimo modelo de bicicleta motorizada, que não chegou a ser produzido. E finalmente ele fracassa.

Embora a época (1894) fosse bastante propícia, entram no mercado europeu, outros fabricantes de motocicleta, o que vem dificultar, ainda mais, as vendas de Landru, que não tinha real capacidade e empenho para enfrentar o mercado, já abundante de concorrentes. Sem buscar entender nem lidar com essa realidade, ele se queixava que lhe tinham roubado as idéias. Sua família compartilha dessa queixa deixando entrever, no processo, que a isso se devia o seu fracasso. Ao longo de poucos anos sua vida vai se desagregando; seu ambiente familiar vai se desestabilizando.

Aqui, uma pergunta: se Landru tivesse conseguido se ancorar no nome de ‘engenheiro industrial’ que vinha buscando, teria aí realizado uma suplência efetiva? Mas ele se depara com duas realidades, para ele inconciliáveis: de um lado o inventor, de outro o comerciante. A falta de vínculo entre essas duas dimensões mostra a **dissociação entre o real e a realidade**.

Assim, dessa forma desengonçada, prossegue seu caminho sempre apoiado no significante ‘engenheiro’ (porém, inconsistente). Aluga uma garagem onde coloca algumas máquinas usadas, local que considera a ‘sua fábrica’. É nesse local que a polícia irá encontrar, mais tarde, vários documentos de suas vítimas cujos nomes ele utilizava nas falsas identidades que assumia.

Porém, algo chama a atenção da polícia: os nomes não eram por ele modificados, com exceção de um no qual foi observada uma rasura. Esse documento era de uma de suas vítimas, Madame Guillin, e foi assim modificado: as duas últimas letras de Guillin foram raspadas e, em seu lugar, colocadas outras duas (et), resultando em Guillet. Landru adota agora o pseudônimo de Lucien Guillet, profissão: engenheiro, que mantém por quatro anos – de 1915 a 1919. Essa identidade ele vincula ao endereço de uma moça, Senhorita Fernande Segret, com quem se supôs que ele tivera um romance, não só pelo fato de ter sido uma ligação, como por ele não tê-la incluído entre as suas vítimas. *Por que esse nome, por que essa rasura?* (p. 55). Essa questão leva a autora a analisar os fatos que o envolvem.

Naquele ano de 1914, teve início a Primeira Guerra Mundial e a França, às voltas com a produção de armamentos, convoca vários engenheiros para implantar métodos de organização do trabalho. Dentre esse engenheiros, um nome se destaca, o de Léon Guillet, que se notabilizou por ter feito o projeto e a implantação da fábrica de André Citroën, em 1915. Seu nome figurava constantemente nos noticiários e, certamente, Landru estava informado sobre isso, uma vez que costumava ler todos os jornais. Esses dados levam Biagi-Chai a indagar se o sujeito teria de utilizado da semelhança semântica do nome Guillin para compor uma identidade, os restos de um ideal fragmentado.

Ela propõe, então, a hipótese de que a falsificação do nome Guillet, a partir de Guillin, foi feita para inserir no social uma cópia precária dessa identidade, essencialmente irreal, *o falso do falso* (p. 55), que parece atender a uma necessidade delirante – uma identidade que jamais o levaria ao reconhecimento. Essa falsificação, tão pueril e despropositada, denotando uma pobreza de simbolização, constitui uma encenação que não se dirige propriamente ao outro, não visa o laço social. Acima de tudo essa encenação revela um *momento delirante (...) ponto cego no laço social* (p. 55). *Lucien Guillet, engenheiro* (p. 56), essência do seu delírio, pelo qual ele se apresenta. ‘Engenheiro’, significante retirado do ideal da cultura da época, mostra-se como um significante vazio, sem ressonância no corpo, diferente daquele significante produzido pelo Nome-do-Pai, de valor simbólico, com função estruturante para o sujeito em

torno de um ideal de eu. Já, o significante ‘engenheiro’ adotado por Landru, apoia-se em um ideal coletivo imaginário, poderia ter exercido uma função de suplência do Nome-do-Pai e, como tal, ter mantido esse sujeito estabilizado. Mas, isso não acontece, a suplência fracassa, e o sujeito segue insistentemente buscando, a qualquer custo, se fazer ‘engenheiro’ chegando a abrir uma pequena e precária oficina, com algumas máquinas velhas e inúteis cuja função era a de aparentar e simular a presença de uma fábrica. Nesse cenário ele busca sustentar a sua identidade ilusória de *Lucien Guillet, engenheiro*. Isso vem acobertar a sua condição de fracassado, perante si próprio e à sua família que acreditava nele até então, mesmo porque ele mantinha sempre inacessível a contabilidade da empresa.

Nesse momento da sua vida, Landru se encontra às voltas com duas pressões: de um lado, a responsabilidade imposta pela sua condição de ‘pai de família’ e, de outro, o peso de suas ambições. Não podendo dar conta, nem de uma nem de outra dessas demandas, ele escamoteia sua incapacidade por trás da figura ilusória do engenheiro industrial, estratégia que revela uma ruptura no ser desse sujeito. A isso se deve a desagregação da sua vida, marcada pelo *retraiamento absoluto* (p. 58), forclusivo, frente à impossibilidade de atender às suas ambições. Eis aí uma diferença fundamental em relação à neurose: o que aparece aqui, como ‘**impossibilidade**’, na neurose aparece como ‘**impotência**’.

Em lugar do apelo à profissão, ele recorre à escroqueria, em um *deslizamento metonímico* (p. 59), pela qual também não obtém êxito, pois seus atos são, igualmente, desorganizados. A atuação de escroque ele associa a identidade de ‘engenheiro’, um *significante sem significação* (...) *Esse arranjo alimenta a sua ilusão de ser um chefe de família em busca de dinheiro* (p. 59).

A partir daí ele passa a se ausentar de casa durante vários dias, e ser preso frequentemente. Em 1912, então com quinze anos de casado, quando já acumulava muitas ocorrências de prisão, sua mãe morre e seu pai, não suportando a dor da perda e da vergonha causada pelo filho, se suicida.

Landru gasta rapidamente a herança do pai e continua vivendo entre escroqueiras, prisões, condenações e fugas. Em 1914, início da Primeira Guerra Mundial, foge do campo de trabalhos forçados. Nesse ano, as conturbações da guerra propiciam a ele facilidade para desaparecer. No final do ano seguinte, 1915, é convocado, não se apresenta, é julgado insubmisso. Aqui começam os seus crimes.

### **Landru, vendedor de móveis**

Com a mudança ocorrida na economia, devida à guerra, as indústrias se voltam para a produção de armamentos, interrompendo suas atividades normais, não dando mais lugar para os golpes financeiros bancários que Landru vinha praticando. Com isso, ele cria um outro tipo de fraude que o levará a ultrapassar um novo limite. Com os homens no *front*, as mulheres ficavam solitárias e, em dificuldades, buscavam recursos financeiros vendendo seus móveis a preços baixíssimos. Ele decide, então, adquiri-los para vendê-los no norte do país, em zonas destruídas pela guerra. Pensou, conforme seu depoimento no tribunal, que *faria um bom negócio* (p. 60). Para não constrangê-las em seu orgulho ele usa um artifício para chegar a elas: publica anúncios gentis com propostas de casamento apresentando-se como refugiado de guerra, sozinho e com poucos bens, mas o bastante para recomeçar a vida com uma pequena indústria. Consegue contatar 283 mulheres durante todo o período da guerra, deixando de lado o ‘engenheiro’ para adotar assumir a condição de ‘comerciante de móveis’. A escolha das

mulheres é feita por intermédio de um *estudo psicológico* (p. 61), do qual ele se vangloria durante todo o processo. As escolhidas são aquelas que se mostram constrangidas com a venda de seus pertences, preferindo justificar a saída desses bens com a idéia do projeto de casamento. Uma nova identidade se apresenta: ‘comerciante de móveis’, ‘futuro marido das clientes’. Com essa nova *máscara social* (p. 61) ele passa a se sustentar, de 1914 a 1919. Assim se resume a sua atuação: atrai a vítima; despoja-a dos bens que consegue; pratica o assassinato; apodera-se de todo o resto de seus bens, retirando, inclusive, do seu corpo tudo o que considerar útil (dentadura, peruca); e, por último, se desfaz do corpo, queimando-o. O ‘engenheiro’, que acobertava o escroque quando o país estava em paz, dá lugar ao ‘comerciante de móveis’ que acoberta o assassino nesse período de guerra, *uma adaptação de sua lei pessoal, às novas leis sociais* (p. 62-63), excepcionais devidas à guerra.

Para levar suas vítimas, Landru aluga uma casa de campo próxima a Paris. Uma casa que achou muito conveniente, por ser equipada com um espaçoso subsolo contendo uma lareira, um lavatório e piso de cimento – um local bastante adequado para esquarterar e incinerar cadáveres, como está informado no processo. O réu, entretanto, afirma que a escolha dessa casa foi devida ao seu preço barato e à sua boa disposição para uso industrial. Para essa casa ele atrai as mulheres escolhidas, simula uma união legal, para depois matá-las, planejando um sistema para os seus assassinatos. Com dez mulheres ele manteve uma ligação nessa casa, uma de cada vez, e as matava quando precisasse de um dinheiro urgente, pois ele não tinha qualquer rendimento próprio. Nas investigações realizadas, verificou-se que ele utilizava todo o seu tempo nas atividades de redigir, anunciar, catalogar e organizar papéis, transportar móveis – aparentando realmente uma atividade comercial.

Por que ele se torna um assassino? Por que investir tanta energia para tão pouco retorno? É o que pergunta Biagi-Chai. E prossegue dizendo que tal esforço não se deve a uma pulsão libidinal que apontaria para uma perversão, tampouco visa ganhar muito dinheiro. De qualquer forma, há sempre uma desproporção entre os seus atos e os porquês desses atos. *Toda a vida de Landru parece girar em torno da tentativa de compreender, pela lógica e pelo raciocínio, aquilo que lhe escapa: o sentido da vida* (p.64).

O comércio de móveis usados prevê que sejam feitas retiradas e entregas, idas e vindas, o que justifica os seus desaparecimentos constantes.

Entre os documentos encontrados na contabilidade de Landru, há anotações de compras de móveis as quais nunca ocorreram, como, por exemplo, uma compra registrada como tendo sido feita do “*Hotel des Ventes, salle numéro 1, le mercredi 25 janvier 1915*” (p.65).

Em investigação feita nesse hotel, foi constatado que tal compra nunca foi feita e, além disso, o dia 25 de janeiro de 1915 não foi uma quarta-feira e sim uma segunda-feira. Uma questão aqui se impõe: por que e a quem se destinariam essas informações inverídicas? O que se conclui disso, é que, da mesma forma que Landru nunca foi realmente um engenheiro, também não foi um ‘comerciante de móveis’. Pensou-se que, prevendo uma possível prisão, ele já estivesse pensando na sua defesa “montando” esses dados. Mas, como tudo que tem feito na vida, sua atividade criminosa é marcada por inabilidade, ingenuidade, contradições e uma desorganização tal, que as investigações localizaram rápida e facilmente as evidências dos seus crimes.

Os registros da sua contabilidade contêm anotações muito detalhadas, tais como doces, flores, bilhete de teatro, investidos nas *noivas*; ou dinheiro gasto ou dado à sua família. Chegava a sublinhar as receitas: com a cor azul, as receitas provenientes das escroquerias; com a cor

vermelha, as receitas provenientes do crime. A análise desses registros mostra a presença de muita contradição, de falhas e de incoerências explícitas que, entretanto, ele não disfarça, o que permite concluir que essas anotações não foram feitas para esconder seus crimes – *é o real que retorna nessa contabilidade estranha do cotidiano nessas incríveis cadernetas* (p. 66). Aqui se repete o que é próprio desse sujeito, o que pode parecer uma simulação de controle, tem apenas o *estatuto de um envelope vazio* (p. 66). Vê-se que não há lugar aí para a perversão. Biagi-Chai questiona se o rigor excessivo na escrituração de sua contabilidade teria a função de *borda delirante além dos limites comuns* (p. 67).

## Capítulo II

### LANDRU E AS MULHERES – Três categorias mais uma

Lacan, tomando como exemplo o filme de Charlie Chaplin: *Monsieur Verdoux* (filme por sua vez inspirado no caso Landru), isolou dois grupos: grupo vital e grupo funcional<sup>5</sup>. Indica ele que o grupo funcional tem valor de objeto útil para sustentar o grupo vital amado e protegido por ele.

Daí, pode-se pensar que a relação de Landru com as mulheres comporta três ordens: amor, desejo e necessidade. Há uma outra relação, especial, que se dá com a mãe.

A relação de Landru com a família é de cuidador e provedor. O significante ‘família’, entretanto, não se inscreve no campo simbólico, é da ordem do imaginário – um significante que gira em torno de um vazio, quer dizer: ele não exerce a função de pai e de marido, efetivamente. A sua noção de ‘família’ é marcada pela crença delirante de ser o ‘chefe’, o ‘patriarca da família’ e, enquanto tal, vai às últimas conseqüências para cumprir essa missão, não medindo limites para isso, o que é próprio da psicose. Aqui, diz Biagi-Chai:

*Tudo é real para ele, pois tudo é pré-interpretado na medida do delírio de interpretação que organiza seu mundo. Isso é o mesmo que dizer, tão bem, que tudo é virtual, porque não há nada que faça sentido, que amarre o real à realidade, e que impeça o deslizamento infinito das interpretações. Não se conclui em nenhum saber, em nenhuma garantia, em nenhuma verdade. É aqui que se pode entrever o que significa a forclusão do Nome-do-pai: quando, sem a significação do falo, não existe mais ponto de parada, ponto de capiton, do significante do desejo* (p. 82).

#### A mãe

As poucas informações disponíveis sobre a mãe de Landru são baseadas nos documentos do processo e não nas constantes e afetivas referências que ele faz sobre ela, referências das quais Biagi-Chai questiona a sinceridade ou a veracidade. A Senhora Landru teve uma vida triste: seu pai morreu em um asilo de loucos; um irmão suicidou-se aos vinte anos de idade; uma irmã era doente mental, e outra morreu aos dezoito anos de meningite.

---

<sup>5</sup> LACAN, J. Escritos. *Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia*, p. 147; e *Kant com Sade*, p. 791. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1998.

Suas desventuras não se encerram por aí, o segundo filho que ela gera, nasce morto. Depois desse parto, ela fica psicicamente abalada por um período de dois anos. Ainda nesse estado de abatimento engravida do seu terceiro filho, Henri-Désiré. *Os significantes da morte e da loucura acompanharam a história familiar materna e paira sobre o nascimento de Landru* (p.111).

Os vizinhos informaram que Landru era muito carinhoso com sua mãe, chegando a sufocá-la de tanto carinho e beijos. Mantinha com ela uma ligação de exclusividade. *Ela foi o seu primeiro e único ponto de apoio* (p.112). O pai estava sempre excluído. Ele não se inseriu na *dialética triangular* como um terceiro capaz de introduzir o ponto de basta nesse gozo que marca a relação mãe-filho, ponto de basta essencial para a operação da castração. Diferentemente disso, a função que ele exerceu para o filho foi a de semelhante, de modelo, de duplo especular, constituindo-se aí em um ponto de amarração para o sujeito. *Esta é a matriz de uma identificação imaginária, na psicose, como diz Lacan* (p. 112). O ponto de apoio exercido pela mãe, será buscado, depois, na sua esposa e na sua amante, Fernande Segret, a qual ele não matou. Com relação às suas vítimas, elas foram objeto de rituais que se configuravam em cultos à mãe, significante ao qual ele esteve sempre ligado como uma *figura totêmica* (p. 112).

*Landru nunca disse o que, verdadeiramente, sua mãe foi para ele, nem o que ele foi para sua mãe. A mãe é antes um significante primeiro e último, que condensa todas as respostas. “Minha mãe” é, então, um significante privilegiado, um significante congelado, um significante obstáculo que diz só a ele sobre a relação do filho à mãe. (...) Nessa colagem de Landru à sua mãe há qualquer coisa da ordem da indiferenciação do sujeito na ignorância da questão edipiana. Sua ligação com Fernande Segret mostra a que ponto ele aspirava desaparecer nesse outro, feito para ele (...) o buraco no simbólico não exclui, de forma alguma, ao contrário, que o sujeito psicótico possa fazer apelo ao simbolismo universal, aos arquétipos, aos provérbios, às idéias gerais (...) para fazer significar suas identificações especulares.* (p. 113-114).

Então, os significantes ‘engenheiro’, ‘comerciante de móveis’, ‘responsável pela família’..., são significantes de valor universal, engendrados na função de identificação especular.

## **O pai e a Teoria do amor**

Do pai de Landru, entre as poucas informações que se têm é que ele sempre se preocupou com o filho. Queixava-se para um amigo que Landru dava-lhe muita despesa e vivia preso. Já o filho não se preocupava com o pai. Este era uma pessoa bem quista pelos amigos e por seus empregadores que elogiavam a sua assiduidade, pontualidade, o seu bom humor. Aposentado, e próximo aos oitenta anos de idade, ele muda-se com a esposa de Paris para Agen indo morar com a filha. No início do ano de 1912, a mãe de Landru morre e seu pai, muito abatido, volta para Paris para morar com a nora (Landru está preso nesse momento). Não conseguindo se recuperar da perda da esposa, somada ao sofrimento causado pela situação do filho, suicida-se, poucos meses depois da morte de sua mulher enforcando-se em uma das árvores do Bosque de Bologne.

Landru identifica seu pai ao homem descrito no seu livro predileto, *O amor obrigatório* da Condessa de Tamar, obra que discorre sobre o amor no casamento. No contexto histórico em

que Tramar lança esse livro, circulava uma proposta de reforma do Código Civil, onde, uma das suas cláusulas determinava a inclusão do amor no contrato de casamento. A autora, em *O amor obrigatório*, descreve o homem como rude, omissivo quanto aos deveres conjugais, ausente, enquanto que; por outro lado, ele exige que a mulher lhe seja submissa e cumpridora dos seus deveres familiares. É nesse modelo que Landru projeta o relacionamento de seus pais. Coloca, no lugar atribuído à mãe, algo que é dele mesmo, lugar de onde responde, lugar de isolamento.

*O lugar de exclusão e de colocada à parte que Landru empresta à sua mãe, designa, sobretudo o lugar de Landru, ele mesmo, separado dos outros, isolado, em uma identificação em espelho. “Solto” pelo pai, ele compartilha do destino de sua mãe. Isso é o que Lacan definiu como “a relação sexual”, que não é, longe disso, uma passagem ao ato incestuosa entre filho e mãe, mas que é um pouco, como queria a Condessa de Tramar, uma relação psíquica total, isto é, uma fusão completa de um gozo delirante; relação a dois, sem resto e sem falta, uma relação onde se corresponde perfeitamente (p. 120). A consequência é que o pai toma o lugar de um outro perseguidor. Ele vem impedir essa relação com a mãe de maneira exterior, sem motivo e sem razão, apreendido somente pelo sujeito como um puro capricho, então, uma pura vontade de prejudicar. A prudência, então, deverá ser colocada na referência, muitas vezes mal interpretada, do mito do Édipo. Se este está num momento nodal, onde a criança percebe qualquer coisa que liga o pai e a mãe, ela pode também perceber as variações que correspondem, na psicose, a um nó desfeito. É esta ausência de enodamento que, em Landru, separa radicalmente pai e mãe, e repercute na vida do sujeito. Landru, na sua lei pessoal, é o Homem novo de um universo feminino, o homem absoluto, o homem da exceção, pois que se funde e se confunde com este universo. Neste universo está a origem da missão que o conduz à sua louca abnegação de prover, a todo custo, as necessidades da sua família. Os homens, daí, (...) em relação a esse homem-mulher, são ciumentos e ameaçadores. Uma guerra dissimulada e subjacente está sempre presente. O homem é um perseguidor, seu pai não escapa à regra. Para Landru, todos os homens são perseguidores, mais exatamente, é a sua dimensão que é perseguidora, seu desejo, suas conquistas, sua competição, seu desafio (p. 120-121).*